

1
ESCUDDO

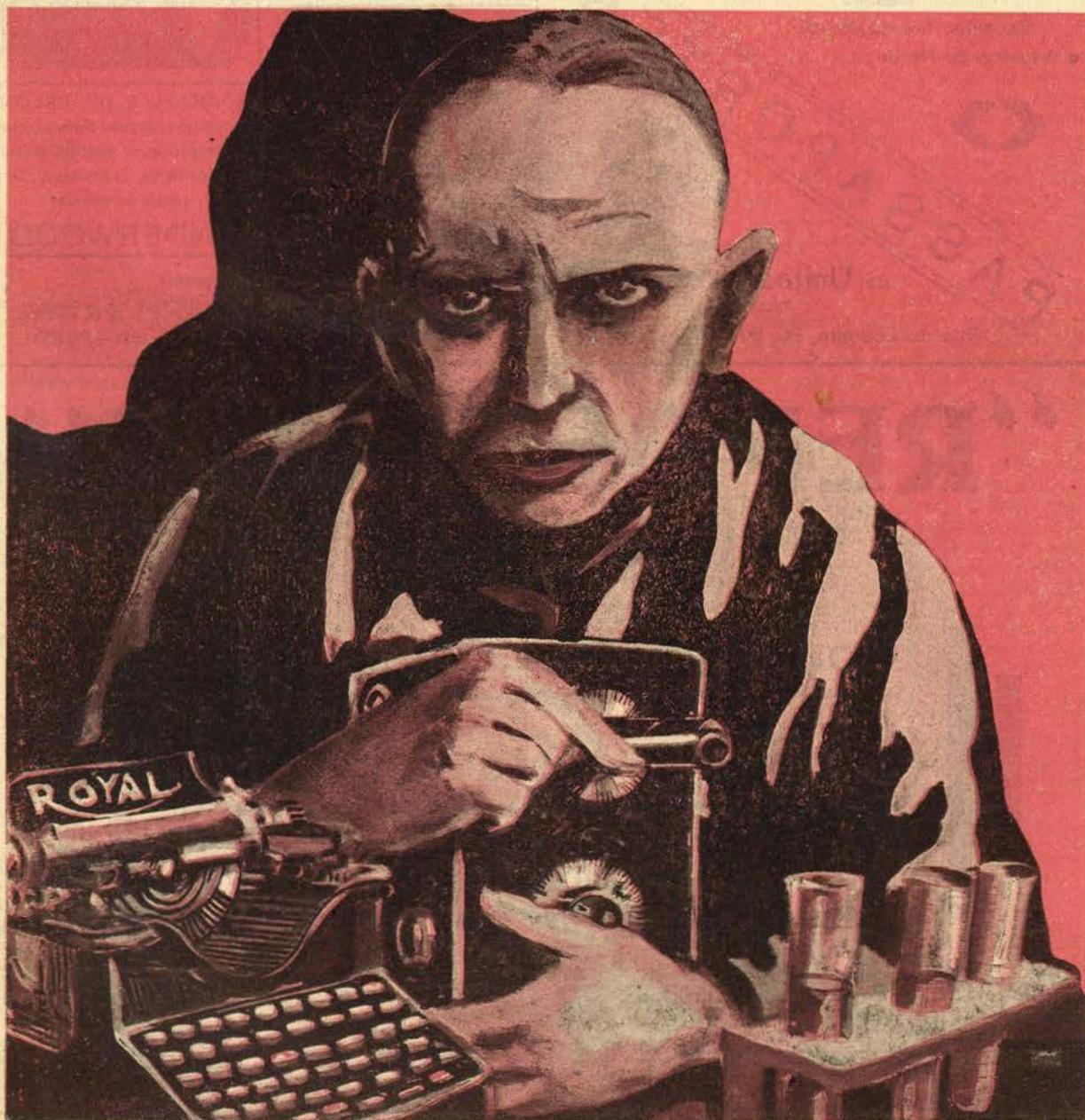
Reporter.

Semanario das
grandes reportagens

AN O I

24 de Janeiro de 1931

Numero 25



LER NESTE NUMERO: O môcho dos "cabarets" — Os representantes portugueses dos bandidos de Chicago, etc., etc..

"GARANTIA"

COMPANHIA DE SEGUROS

(FUNDADA EM 1859)

Capital integralizado Esc. 1.000.000\$00
Reservas em 31 de Dezembro de 1927
Esc. 6.611.363\$33

Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lhes pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece à matemática e esta é uma só. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA» tem a escudá-la o seu passado

SEDE

Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL
Praça da Liberdade, 13 e 14
Casa Bancária Sousa, Cruz & C.a, L.da

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Julião, 63 a 71
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

COMPANHIA GERAL DE CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

LISBOA - Rua Augusta, 235

TELEFONES: 21351 e 21352

Delegação no PORTO

Praça Almeida Garrett, 35

Agencia em COIMBRA

Rua Visconde da Luz, 100, 1.º

Nova instalação, feita pela casa «FICHET», de Paris, de cofres de aluguer, nas magníficas casas fortes na sede da Companhia, em Lisboa

ALFAIATARIA

DE

ANTONIO DIAS

Fazendas nacionais

— e estrangeiras —

Largo de S. Sebastião da Pedreira, 34

LISBOA

NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brasil
e America do Norte



PASSAPORTES

Agente no Norte

da United States Lines

TELEFONE, 762

Rua do Loureiro, 60, 62

PORTO

CAMPIÃO & C.^A

LOTARIAS

A casa que vende
constantemente
sortes grandes!

RUA DO AMPARO, N.ºS 116 E 118

LISBOA

PARA O TEMPO QUENTE

TODDY FRIO

UM REFRESCO E UM ALIMENTO RECONSTITUINTE N'UMA SO BEBIDA

Prepára o seu **TODDY** com um agitador

AVENDA EM TODA A PARTE

Mantua L^{da}

29 C. DE S. FRANCISCO, 37 - LISBOA

MODICIDADE DE PREÇOS
Antes de comprar uma maquina de escrever portátil ou para escritório, sirva-se V. Ex.^a pedir oferta da

UNDERWOOD

ao agente:

CARLOS DUNKEL - R. Sá da Bandeira, 62

Telefone: 1013 — PORTO

"REPORTER X"

Compram-se os números 1,
5, 6 e 7 dêste semanário
que se encontram esgotados

Trata-se na administração do REPORTER X, Rossio, 3, 3.º

■ LISBOA ■

O MÔCHO DOS "CABARETS" DE LISBOA

Uma dramática reportagem em que se desmascara um conhecido e misterioso frequentador de «clubs» — Uma revelação que talvez cause um crime!

Por BELO REDONDO



Elsa Mendes — que toda Lisboa conhece

A figura que Belo Redondo foca no seu artigo era-nos há muito familiar e por mais de uma vez tentámos em vão desmascará-la. Mas sempre que procurávamos arrancar qualquer revelação ás desgraçadas que tinham sido suas vítimas, elas fugiam de nós, com terror. Temos a segurança de que poucos são os leitores do Reporter X que não deduzam, através do retrato que o nosso ilustre colaborador desenha, o indivíduo a quem ele se refere, o qual, ainda há dois meses, teve o seu nome nos jornais ligado a uma falência...

A vibração dos caudais de luz multicolor e a agitação perturbadora das danças haviam amolecido os corpos, quebrados langorosamente nos divans àquela hora doente da madrugada. Os meus olhos passearam a grande sala do «cabaret», buscando um exame de almas. Mas o tédio estampara em todos os rostos o mesmo aspecto de fadiga, imprimira uma feição uniforme, de moleza e de descrença, a todos os estúrdios. E a manhã vinha próxima, anunciava-se já nos pálidos alvares que as persianas das janelas deixavam coar.

Elsa Mendes, que se abandonara ao fundo da sala, mostrando os seios brancos dentre as sedas amarfanhadas, ergueu-se ao ouvir-me gritar por «Champagne», abrindo um sorriso largo e prometeedor. Chamel-a, para me distrair. E a «papillon», com um ar de grande dama, veio até à minha mesa.

— Vens «alto», hoje?
— Nem por isso... Advinho, pela pergunta, que não foi boa a tua noite.
— Foi péssima. Não vês como isto parece a Morgue?

— Pois bem, faremos um contracto. Eu tenho de escrever um artigo hoje e, se me deres um assunto, dou-te o que me pagarem por êle.

Elsa sorriu, agradecida. Circunvagou os seus olhos sem brilho pela grande sala, fixou-os num ponto e, como se meditasse, despejou uma taça. Com visível emoção, começou, depois:

— Vês ali, junto da orquestra, um homem magro e calvo?

— E' a tua última paixão?

— Não brinques! Trata-se de um doente.

— Não é, decerto, o unico que está aqui... Nesses mercados de amor, bem o sabes, aparecem muitos tipos singulares.

— Mas como aquêle não vi ainda nenhu... E eu, com seis anos de experiência, posso falar disso.

Foi então que Elsa me contou a sua aventura. Tremo, por vo-la reproduzir. Confesso que ainda há pouco estava hesitante... E se hesitei, se a minha pena, agora mesmo, treme nesta emotiva revelação, não é por mim, que já me desabituei de ter medo, mas por ela, pela pobre rapariga

que me fez esse relato com a impressão de que jogava a vida pelas dezenas de escudos que o artigo deve render.

*
*

Êle, o homem magro e calvo, cujo nome reservo por natural respeito á tara que o infelicitá, é um rico lavrador dos arredores de Lisboa. Faz uma vida normal, aparentemente sã. Vive no amor da mulher e dos filhos, tido como bom chefe de família, bom amigo e bom cidadão. A sua idade anda na casa dos quarenta. E' generoso e tem um passado nobilitante de trabalho. Mas da sua dupla personalidade não é este aspecto o que mais interessa.

Este homem singular tem um segredo tenebroso, um segredo cuja revelação faz calafrios — um segredo que é o contraste impressionante da sua própria vida. As noites dos «cabarets» são todas iguais para as mercenárias do prazer. Elsa Mendes, porém, conheceu esse homem numa noite que supôs ser excepcional e decisiva para a sua existência incerta. Soube que êle tinha o hábito de, a pretexto de negócios, fazer escapadas á cidade, deixando em sossêgo a família para vir em busca dos prazeres que não tinha na sua vilória dos arredores da capital. Soube que êle era muito rico, e logo imaginou fazer-se apaixonar para estabelecer a sua independência á custa dos favores do lavrador.

O homem magro e calvo acolheu com alegria os sorrisos da «papillon». Convidou-a a sentar-se á sua mesa e pagou-lhe uma ceia bem regada a «Champagne». Não ocultou mesmo o seu desejo de lhe pôr casa, fazendo dela a sua favorita. E Elsa tanto mais encantada se mostrava quanto mais o ouvia, seduzida pela miragem da vida farta e tranqüilla que êle lhe prometia. No fim, já meio tonta, reconhecia que daria tudo, faria tudo — para não perder aquêle apaixonado.

Êle, dizendo que a família não estava em casa naquela noite, convidou-a a um passeio de automovel á sua vila, para lhe mostrar a própria casa. E Elsa, julgando compreendê-lo, acedeu com beijos áquêle amoroso desejo. Sorria-lhe a ideia de uma aventura aos arredores, por aquela madrugada de lindo luar. A sua mocidade, que se repartira prodigamente pela boémia desenfreada dos «cabarets» e dos «clubs», encontrava, enfim, o voluptuoso conchego por que ansiava.

E foi. O automovel passou rapidamente as avenidas novas e depressa saiu da cidade. Elsa, nos braços do seu admirador, conflagrada, deixava-se beijar com frenesi, e fingia também amor nos arrebatamentos com que lhe correspondia.

Alcançaram, por fim, a vila — um amontoado incartarismo de casario. O ambiente tinha o perfume forte e selvagem da terra virgem. O homem magro e calvo pagou a conta do «taxi», tomou Elsa pelo braço e levou-a ao longo da povoação. Nem viva alma nas ruas.

Ainda nesse momento a rapariga não hesitou. Julgara ter prendido tanto o coração do seu companheiro que se lhe confiava inteiramente. Quando estavam, porém, já distanciados da vila, em pleno campo, êle pediu que lhe deixasse vender os olhos. E explicou que não desejava, por enquanto, que ela soubesse em que ponto exacto ficava a sua residência. Elsa, embora a desgostasse tamanha falta de confiança, consentiu em que êle lhe tapasse os olhos com um lenço — tão disposta estava a satisfazer-lhe todos os caprichos, só para

não o perder. E acompanhou-o, depois, como se fora uma cega, pelos caminhos difíceis.

Em dado momento pararam. Êle puxou de um molho de chaves e abriu um portão, que rangeu nos gonzos ruidosamente. Tomaram por um atalho de piso mole e sinuoso e Elsa notou que havia em derredor o perfume desolador das flores mortas. Onde estava? Não o pôde precisar nesse momento, mas um inexplicável temor começava a assaltá-la. E recriminava-se já por ter seguido assim, tão facilmente, um homem que mal conhecia e cujas intenções podiam ser as piores.

Uma paz evocadora de sepulcro tecia em volta mistérios tenebrosos. E Elsa, á medida que seguia com o seu singular companheiro, tanto mais perturbada se sentia. O coração parecia querer saltar-lhe do peito e uma secreta angústia apertava-lhe a garganta. Pensou em gritar por socorro. Mas para quê? Se estava ali, não sabia onde, inteiramente á mercê daquêle homem?

Suspenderam, de novo, a caminhada. Êle voltou a mexer nas chaves e a abrir um outro portão. Entraram. Cuidadosamente, o homem ficou espionando durante algum tempo. E quando se certificou de que estavam sós e que fechou o portão. Correu a um canto, a acender duas velas, e tirou, por fim, o lenço que vendava os olhos de Elsa.

Confundida naquela meia obscuridade, a rapariga não deu conta, a princípio, do local onde estava. Mas pouco a pouco tudo aquilo foi avul-



E tremendo e babando-se aproximou-se de Elsa

tando seus olhos, delineando-se em nítidos contornos. As paredes mostravam grandes prateleiras de mármore, vasias, e ao fundo dependurava-se um crucifixo. No portão cortava-se em bronze uma grande cruz e pelo gradeamento viam-se erguer, na noite longa e escura, perfis gigantescos de ciprestes. Dentro respirava-se uma atmosfera pesada e bafienta. Horrorizada, Elsa não queria acreditar no que estava vendo. Mas era evidente que se encontrava num cemitério, dentro de um jazigo abandonado!

Quis saber a razão daquêle «rendez-vous» em tão estranho lugar, mas hesitou. O seu compa-

(Conclui na pag. 15)

“A DAMA DO SUD”

Uma grande peça vista nos bastidores — Roubar por amor — O desejo de um tarado — Matar por amor — A desilusão — Um pacto angustioso — E o mais que toda a gente pode ver e ouvir

TÓDOS aquêles que têm acompanhado a actividade jornalística e literária de Reinaldo Ferreira não podiam esperar da *Dama do Sud*, peça com que se estreou como dramaturgo, senão o que realmente é: um pedaço de vida

nasio materializaram com tão elevado espirito.

Branca Adrion, que Palmira Bastos soube incarnar com extraordinária convicção, é uma grande figura teatral — porque é humana. Nós lemos através

porém, a sua falta de dinheiro e para não perder a amante, que elle julgava adorar o dinheiro acima de tudo como as outras, roubava. Roubava com habilidade, sem que se desconfiasse que a sua linha de «gentleman» occultava um ladrão. Ela, Branca, imaginava-o um homem honrado. Até que uma noite produz-se o conflito culminante da peça. No hotel aparece assassinado misteriosamente um inglês rico. Nessa mesma noite, Branca vê entrar pela porta do seu quarto Afonso Calafaiá (Tarquinio Vieira, que realizou um tipo curiosissimo), um tarado que a deseja, seja por que preço fôr. Estabelece-se entre ambos um diálogo formidavel, em que Palmira Bastos é verdadeiramente magistral e Tarquinio Vieira impecavel. Ela ama Angelo, o único homem que preenche o seu ideal; não pode ceder, não cederá por preço algum. Mas alguém se apro-



Reinaldo Ferreira (Reporter X) assiste aos últimos ensaios da «Dama do Sud»

intensa, toda século XX, cosmopolita, tendo por cenário um grande hotel movimentado onde gente de todas as raças e todos os idiomas se entrecoca.

As melhores novelas de Reinaldo Ferreira, com personagens que vivem as mais estranhas tragédias, tragédias do nosso tempo que nossos avós não poderiam sonhar sequer; as suas reportagens mais extraordinárias, plenas de situações difíceis e momentos emocionantes — estão ali concentradas naquela peça do Gimnasio.

Escrevemos sob a impressão dos últimos ensaios — que Palmira Bastos dirigiu com invulgar carinho e grande competencia — embora as nossas impressões só surjam em público dois dias depois da estreia, marcada para 22 do corrente. E apesar dos ensaios, mesmo apurados, não nos darem a visão completa do que se representa a valer, nós sentimos um grande, um forte entusiasmo pela successão de scenas que Reinaldo Ferreira concebeu e os artistas do Gim-

nas suas expressões bem marcadas o que lhe vai na alma agitada por um vendaval de paixão muito nobre e incompreendida pelo homem que adora e que a adora. A situação desses dois entes que se amam sincera e violentamente e que num dado momento a fatalidade da vida tenta apartar, chega a tocar o sublime.

Angelo de Lencastre, que Alexandre de Azevedo interpreta com tal rigor que olvidamos que é Alexandre de Azevedo quem fala, pode considerar-se uma figura dramática da nossa época. E' o amante de Branca, o amante apaixonado, ardente, que a experiencia e as desilusões de uma vida intensa tornaram mais sedento de amor. Angelo arruinou-se por outras mulheres, porque sendo um amoroso por temperamento e um scéptico por intelligencia acreditou que só o dinheiro seria capaz de conquistar com segurança o amor das mulheres. Quando se apaixonou por Branca já não era novo e estava arruinado. Ocultou-lhe,



Uma scena empolgante: Angelo (Alexandre de Azevedo) duvida do amor de Branca (Palmira Bastos)

xima apressadamente no corredor. Ela adivinha os passos de Angelo. Compreende que este, encontrando Calafaiá no quarto, pode suspeitar dela. Quere

(Conclui na pag. 7)

Um "club" de sessões espíritas em Coimbra

Uma "manucure" misteriosa e "honesta"—A armadilha a confiadas môças—Os velhos protectores, sócios do "club"—Um episódio antigo que recorda certas figuras da vida noctivaga de Lisboa

CHOVIA. Uma chuva miúdinha, persistente, massadora, caía desde manhã, encharcando as ruas e entristecendo Coimbra—a Coimbra das lendas e dos amôres poéticos, a cidade dos doutores que ainda não são bachareis, e das tricanas amáveis, aliciantes, atraentes, a oferecer momentos de oiro e de alegria à negligente vida dos estudantes...

Dentro de horas, na madrugada que se avizinhava, devia continuar na viagem—porque Coimbra estava já vasculhada no seu *bas-fond* inesgo-

reduz da «élite» da nossa cidade e cujo segrêdo é avaramente defendido.

—Ora, convém, frizar aqui que, por minha infelicidade, o meu *facies* é um autêntico *cliché* onde se vão imprimindo tôdas as sensações boas ou más que a minha alma vai registando. Atribuo êsse aborrecido facto a um péssimo sistema nervoso, muito embora o Mario Domingues—que através os mais difíceis transe consegue manter a sua admirável serenidade, numa calma absoluta que desperta a minha inveja—afiance que a imobilidade da mascara é apenas uma questão de domínio dos nervos.

Seja como fôr, o que é certo é que já por várias vezes a expressão atrevidamente espontânea do meu semblante se tornou responsável perante a minha razão de alguns fortes dissabores.

Naquela ocasião, novamente a curiosidade de que estava possuído litografou-se-me denunciadamente no rôsto, porque o Mendonça, cada vez mais enigmático, semelhando um «virtuose» de maravilhoso instrumento a arrancar efeitos inesperados, concluiu:

—...e se você estiver disposto a gastar cinquenta escudos, acompanho-o a fazer essa reportagem... Garanto-lhe que não se arrepende...

Não foi preciso mais para me vencer. Saímos os dois.

UMA CASA DE SURPESAS

O caminho era curto.

O «taxi», rodando por entre alas de prédios esguios e espalmados entre si, comprimidas as medidas pela estreiteza do terreno, levou-nos àquela travessa escura e sombria, estacando de frente de um «edificio» de dois andares, de aparência pacata, de aspecto inexpressivo de burguês endinheirado.

O meu companheiro apela-se, premeindo de uma fôrma especial o botão eléctrico da porta.

Decorrem segundos. Depois, a porta abre-se. Pela tímida abertura surge-nos um rôsto gracioso de creadita gentil, a quem o Rui de Mendonça segrêda algumas frases cujo sentido me foi impossível aprender.

Aguardámos um pedaço de tempo, cá fóra, até nos reaparecer, de novo, a bonita serviçal que nos franqueia a entrada e nos guia, por uma escada de caracol, para o andar superior.

Ao ouvido, baixinho, sôa-me a voz do Mendonça a recomendar-me, num murmúrio:

—Agora, não se mostre surpreendido com o que vir, e... abra bem os olhos...

O aviso, no que se refere a esta última parte, era desnecessário.

Entrámos no primeiro aposento—uma sala banalizada por móveis vulgaríssimos cheirando a «bric-à-brac» e vestida a côr de rosa alacre e viva. Era a sala de espera—disse-me o meu cicerone.

A sala a seguir constataba singularmente, frisantemente, com aquela. Era a transição brusca, o salto formidável da Vida para a Morte... Quando ali entrel, o espírito acusou-me uma desoladora impressão de frialdade: a sua decoração, fantástica, era a negro retinto—panejamentos negros a tôda a altura da parede, o tecto de negro, o soalho encerado a negro, e, ainda a carregar mais a vincada nota fúnebre, os poucos móveis envernizados também a preto... Uma mesa «pé-de-galo» rodeada por dez cadeiras, postas em círculo. Nas paredes opostas, enfrentando-se,

como a desafiar-se em silêncio, perdidos permanentemente em fixa troca de olhares, há dois «oleos», enquadrados em singulares molduras de veludo preto—dois retratos de figuras célebres. Dum lado é Conan Doyle, de olhos vivos, expressivos, a destacar-se do rôsto bonacheirão, onde um farto bigode—século XIX dá o caracter duma época; do outro lado está Flammarion, o das scientificas revelações astronómicas, de olhar pesado, rancoroso...

Ambos fôram apaixonados adeptos do espiritismo



Madame Zarco, figura estranha de mulher...

avel, onde abundam assuntos palpitantes de franca actualidade.

Seria talvez meia-noite—uma meia-noite colmbrã, de raros transeantes pelas ruas adormecidas e sombras negras e fugidas, lembrando aves nocturnas; a escaparem-se de escadas escusas, nas quais por momentos se silhuetizam cabeças desgrenhadas de raparigas môças a espreitar, a olhar com saudade as capas pretas que se aiaçam...

No «Santa Cruz», quando, em frente de uma chavena de café, rasbiçava à pressa uma correspondência para Lisboa, encontrei-me com o Rui de Mendonça—espírito de rapaz moderno e desempeoelrado, descendente em linha recta de gente fidalga, que me tinha sido apresentado na véspera por Antonio Sraiva, o simpático e endiabrado jornalista do *Diário de Coimbra*, para quem eu havia ido endossado.

A conversa recaiu naturalmente sôbre a nossa missão à provincia, porque o Mendonça confessara-se-me fervoroso admirador do nosso jornal—admirador e religioso coleccionador.

Falei-lhe por alto de alguns casos que, naquêles três curtos dias, all tinha conseguido apurar.

E êle, com um fino sorriso a contrair-lhe os lábios delgados, baforando prazenteiramente o fumo da cigarrilha, de tabaco aloirado como o seu cabelo, disse:

—Pois ainda lhe falta cá fazer uma reportagem interessante... E' um assunto empolgante «made-in-Reporter X», conhecido sómente por uma



O «club» espírita de Coimbra

—motivo primacial do lugar de honra que ocupam naquêle compartimento.

—Porque esta casa—vai-me dizendo num tom trocista o Mendonça, enquanto estamos sós—pertence à mais conhecida espírita de Coimbra: Madame Zarco... E aqui é precisamente a sala das evocações do Além...

Vem gente. Um leve matraquear de passos miúdinhos aproxima-se...

Na nossa frente aparece-nos uma mulher alta, de feições irregulares e opiadas pelo cansaço duma vida movimentada. O exagero da «maquilhage» não consegue esconder-lhe os traços precôcos dumas rugas cruéis... 35 anos talvez, e olhos azuis, superficiais, cheios de colorido, de vida, de coisas misteriosas, de desordem de sentimentos...

Olhei curiosamente aquela figura estranha, de mulher cuja cabeça, dum loiro encarniçado à mistura com cabelos escuros, se curvou ligeiramente numa vénia de solenidade severa, a cumprir-me, ao mesmo tempo que, apertando a mão do meu companheiro, o interrogava com discreto olhar sôbre a qualidade da minha pessoa.

Fui-lhe apresentado sob um nome suposto—um nome que esqueci imediatamente, lamentavelmente.

Era a célebre Madame Zarco. Tinha na presença a senhora idosa, respeitável, de cutis pálida pelo contacto com os segrêdos de occultas sciências—segundo a concepção fundamentalmente errada que o meu espírito havia criado.

Mas eu conhecia de qualquer parte aquêles

"A DAMA DO SUD"

(Continuação da pag. 5)

evitar uma situação melindrosa e pede a Calafaja que se esconda. Entrou Angelo, desfigurado. Uma mancha de sangue no fato assombra a amante. Trava-se entre ambos um diálogo admirável, pleno de emoção, de imprevisito, que empolga os espectadores. Angelo confessa então que acaba de matar, de matar um homem. Ia roubá-lo. Era um inglês riquíssimo (Rafael Alves) que ostentava joias e uma amante deliciosa (Constança Navarro). Quis roubá-lo, mas o inglês surpreendeu-o e para evitar o escândalo — matou-o.

Esta scena é soberba; atinge proporções dramáticas estupendas, em que Palmira Bastos e Alexandre de Azevedo logram impôr e confirmar as suas inextinguíveis qualidades histrionicas. Branca revela-se então de um heroísmo modelar. Compreende que o amor de Angelo é afinal muito maior do que supunha. Esse amor levou-o ao crime, ao crime por ela, para manter-lhe o bem-estar e a abundância. Mas era preciso salvá-lo. Há uma scena de amor, idilica, espiritual, que um facto terrível interrompe.

— Está um homem no nosso quarto! — exclama Angelo, descobrindo Calafaja.

Momento supremo, inolvidável, é esse.

Como convencer Angelo de que não é um amante que Branca oculta na sua alcova? Esse homem que rouba e mata por amor de uma mulher vê cair naquele momento a última grande ilusão.

Angelo sai como um vencido. E quem, face a face, Branca, em cuja alma se aninhou uma amargura que a corroi e aniquila, e Calafaja, o fatado, que deseja aquela mulher à custa da pior infâmia ou do maior sacrificio.

Branca, súbitamente iluminada por um claror de esperança, dirige-se a Calafaja, cuja face parada não reflecte a menor emoção ante aquêle drama. Um só pensamento o obseca: a posse de Branca. Esta diz-lhe sacudidamente:

— O senhor quer-me por qualquer preço, não é verdade?... Pois bem: sei sua — se se deixar acusar por Angelo!

Calafaja aceita com um gesto sóbrio e firme.

E... e queriam os leitores saber o resto? Desistimos de contar-lhes o resto. Não é tarefa difícil. E' preferível os leitores irem vêr — porque indo uma vez, lá tornarão outra e outra, mais se saboreia, mais deliciosamente nos deixamos empolgar.

MARIO DOMINGUES

traços fisionómicos de que o cérebro me guardava vagas reminiscências... Já tinha visto aquelas feições, aquêle corpo provocante, aquela cabeça esquisita, inconfundível, estenografada noutro ambiente, vivendo noutro cenário...

Não obstante, não me recordava donde.

— Este meu amigo deseja assistir a uma das suas famosas sessões... Encontra-se de passagem em Coimbra e, sendo também um apaixonado espirita, não resistiu à tentação de aqui vir, quando lhe falei nas suas extraordinárias faculdades de *medium*... Pode depositar nêle toda a confiança... Respondo pela sua descrição.

Madame Zarco sorriu-se amavelmente para mim explicando-me:

— Teria muito prazer em o servir pessoalmente se não estivesse, neste momento, a atender a consulta dum oliente, para a qual são exigidas todas as minhas faculdades... Mas não tem dúvida, tenho auxiliares poderosas que o atenderão convenientemente...

QUEM É MADAME ZARCO?!

São duas horas no relógio dum torre.

O mesmo automovel reconduz-nos ao «Café Santa Cruz», atravessando ruas estreitas e antigas, muitas ruas adormecidas da velha Coimbra — autêntico labirinto de impossível identificação para um superficial visitante de três dias apenas...

Recostado indolentemente no fundo do carro, o loiro Rui de Mendonça fumava com visível delicia a sua cigarrilha perfumada, sorrindo, sorrindo sempre, um eterno enigma a pairar-lhe no semblante...

Chegámos ao café. Sampaio, o irrequieto camarada do *Diário de Coimbra*, com quem me devia encontrar ali, não chegara ainda.

Eu continuava aturdido pelo que tinha visto, alquebrado pelo assombro que me esmagava o ser.

E enquanto tomavamos um reconfortante «Porto», o Mendonça, a meu pedido, foi-se abrindo em confidências reveladoras:

— Madame Zarco?... Era uma «manucure» que um dia, já há oito anos, appareceu aqui em Coimbra, sem se saber donde veio. Levava uma vida digna, mantendo-se com a honestidade que os proventos auferidos da sua profissão lhe podiam dar. Passados tempos coustou que um conhecido advogado daquê se havia apaixonado por ela, oferecendo-lhe, juntamente com a casa que visitámos, uma optima situação de semi-independência. Depois começou a dizer-se à boca pequena que na referida casa se faziam sessões de espiritismo, ás quais acorriam numerosas pessoas de destaque na nossa sociedade, afirmando estas, sob a respeitabilidade que as suas situações sociais lhes concedem, que nas reuniões de Madame Zarco se consegue estar em contacto com os espiritos dos entes queridos que sejam solicitados... Até que ponto chega a verdade nestas afirmações não sei eu... Uma só coisa, porém, é real: a fortuna da Zarco, que aumenta consideravelmente de volume de ano para ano. O amante também tem agora automovel e, que conste, não advoga nem tampouco o rendimento da sua fortuna exigua lhe permitiria os luxos de que se rodeia. Como arranjou ela tanto dinheiro?... Muito simplesmente, cobrando a todos os «habituees» que lá vão, sempre gente endinheirada, uma elevada quota mensal, diz ela que para a manutenção do *club*... Depois há ainda os visitantes de occasião, como eu e como você, cuja entrada ali custa o preço minimo de cinquenta escudos. Evidentemente que estão isentas de pagamento as senhoras... E garanto-lhe que são numerosissimas, e algumas até filhas de boas familias... O resto adivinha-se: Coimbra é um centro reduzido de fracas diversões... O *club* de Madame Zarco, palco grandioso de surpresas desconcertantes, no qual todas as noites são renovados os programas, oferece sempre sensações novas aos sedentos de emoções fortes... O negócio, assim, torna-se rendoso. E' claro que o exercicio de práticas espiritas é tão sómente o rótulo doirado do negócio, o iman para chamar ás reuniões as meninas crédulas e histéricas... Ao mesmo tempo serve de cartaz enganador para as autori-

UM INCIDENTE LIGEIRO

«CAFÉ NICOLA»

Os jornalistas que dirigem e escrevem ou ajudam a escrever o *Reporter X* estão todos iniciados numa seita religiosa que tem como Biblia duas únicas palavras: «Verdade» e «Piedade». É uma seita tenebrosa — palavra! — cujos rituais os obrigam a envergar uns balandras com capuzes de duplo bico e orfícios satânicos para os olhos, nesses mesmos capuzes, à lala de figurantes da procissão sevilhana... E agora, falando a sério... Essa nossa religião colectiva traz-nos penitências tremendas... Não é em vão que se proclamam as verdades, em alto e bom som, como nós as proclamamos, doendo a quem doer...

No nosso último numero fomos bastante severos com o «Café Nicola». Ou antes, fomos severos para alguns dos seus servidores, alguns apenas, visto que sendo nós há tanto tempo seus clientes só por duas vezes notámos anormalidades vexatórias. Feridos pela segunda vez pela offensiva de mau gosto do mesmo funcionário, corremos à nossa redacção a desabafar e a chamar a atenção de quem de direito. Em boa hora... O sr. Albuquerque, proprietário do «Café Nicola», procurou-nos e, interpretando inteligentemente o que havíamos escrito, não só nos deu explicações que nos satisfizeram como demonstrou que é um director de bom e moderno critério, sempre disposto a bem defender os interesses dos seus fregueses e a seleccionar e educar o seu pessoal na medida do possível.

Pela nossa parte demotivou-nos por satisfeitos — sempre dentro do nosso ritual religioso... e ficámos gostando do sr. Albuquerque.

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

dades demasiadamente curiosas... A policia contudo conhece o caso, mas o negócio está tão bem montado que nunca foram apanhados em flagrante... Defendem-se, certamente... Tem tudo preparado na previsão dum assalto brusco... Você compreende: o dr. Costa Meira, o tal amante da Zarco, é advogado, hábil malabarista das leis e dos códigos...

Dai por hora e mais, o comboio conduzia-me a Aveiro.

E foi olhando as sombras da noite, que o cortejo de carruagens la cortando fugazmente, vertiginosamente, que, de repente, me acudiu à lembrança a história de Madame Zarco e de onde a conhecia — desejo que naquelas três horas me torturara inutilmente a memória.

Madame Zarco, a proprietária do *club* de Coimbra, a antiga e honesta «manucure» que oito anos atrás apparecera na Lusa Atenas, era uma antiga frequentadora dos *clubs* nocturnos de Lisboa, tornando-se célebre por ser a causadora do suicidio dum pobre rapaz empregado bancário que por amor dela, preso da sua belesa estranha, havia desfalcado os cofres do Banco de que era empregado. E agora, com uma enorme abundância de pormenores, recordei a tragédia que tristemente a celebrizara... O amante, vendo-se desprezado e desonrado, prestes a ser metido na cadeia, a despedaçar o crâneo a tiros de revolver, na presença dela, que se conservava clinicamente impassível, sem um gesto para evitar a desgraça...

Depois, com o desaparecimento brusco de «Sultana», — era, assim, suggestivo e romanesco, o nome porque era conhecida então — tudo esqueceu.

Ainda hoje tenho a impressão de que o tal doutor Costa Meira, apaixonando-se por ela, deixou-se ludibriar ingloriamente pelas suas attitudes fatais de «estrela» irressistível de cinema, copiada de qualquer Greta Garbo ou Brigitte Helm, em gestos compostos ao espelho...

AMERICO FARIA

Agrada-nos repetir que o Reporter X não apresentou nunca, para os que o gizaram, fundaram, dirigem e escrevem, uma aventura de planos alinhavados, um «...a vê se pega»... Encarâmo-lo, desde o primeiro momento, como uma obra definitiva da nossa carreira, afiançada responsabilidade do nosso nome profissional, com fronteiras bem assinaladas e «carabineiros» intransigentes na alfândega de todos os assuntos que entram e que se publicam. Aquêles que pasmam ante a variedade e intensidade ininterrupta das nossas reportagens e as atribuem ao Acaso e os que profetizam um rápido esgotamento, uma rápida secura na teta sugadíssima da Fantasia pouco escrupulosa deviam visitar os nossos escritórios redactoriais... O Reporter X possui uma triple rede de informadores. Uma organizada pelos que trabalham com objectivo certo, que rectificam ou desmentem revelações recém-acolhidas, que completam os dossiers em formação; a segunda composta de «francos-atiradores», de reporteres sem agenda nem serviço marcado, que sirandam pela cidade e vagabundeiam pelo país, farejando assuntos, inaugurando dossiers; á terceira, que é a mais vasta de todas, pertencem os informadores epistolares, os «telefónicos», os que nos visitam misteriosamente e que durante o dia deixam sobre as nossas mesas de trabalho as mais imprevisas revelações, as confidências mais inesperadas, transformando as nossas secretárias em vitrines de objectos perdidos, em montras de bric-à-brac — dum bric-à-brac de almas e de vidas... E só assim, graças a uma organização a sério, empreendida por um jornal que nasceu para triunfar e para continuar, para preencher uma lacuna grave da nossa imprensa, é que o Reporter X pode manter a variedade e a intensidade ininterruptas das suas páginas, sem perigo de esgotamento...

Mas além dessa triple rede de informadores, dispomos de um elenco poliglota exclusivamente comissionado da leitura da imprensa mundial. É muito possível que os simpáticos e impecáveis funcionários do correio maldigam da hora em que iniciámos a nossa existência — tão pesado é o carregamento diário que eles são obrigados a subir á nossa redacção... Recebemos centenas de publicações de todos os países, de quasi todos os continentes. Os tradutores dissecam esses jornais e revistas, dividindo os recortes por assuntos e organizando um enorme puzzle de todos os acontecimentos mundiais. A reportagem que se segue é o produto desse enorme, paciente e longo trabalho quotidiano dos nossos colaboradores poliglotas. É a estatística da criminalologia universal, referente ao ano que findou — 1930. A ideia nasceu do acaso de revisão aos dossiers de recortes. Ao examinar as varias pastas — notámos que uma hipertrofiava-se, bojuda, volumosa, como uma femea paquidérmica em adiantado estado de prenhez. Lemos o rotulo que a etiquetava. Dizia apenas: «Cem crimes; cem mistérios; cem criminosos impunes.» Era um estudo. Era um assunto. Desde a organização do «Reporter X» que tinham ido coleccionando naquêl dossier os recortes amputados das gazetas de todo o mundo — recortes contendo noticiário de crimes misteriosos e indecifrados.

A estatística é a fita métrica do sociólogo; dá ritmo á marcha da vida; materializa, aos



olhos do estudioso, a alma secreta dos fenómenos... A estatística que a organização do Reporter X ofereceu, e sobre a qual compusemos a presente reportagem, é das mais curiosas que conhecemos.

5.762 CRIMES

DESEMBARALHADOS os recortes que hipertrofiavam o dossier e que ficaram sobre a mesa como um estendal de cartas de jogar para uma partida de dezenas de parceiros, conferidas as respectivas folhas manuscritas com as traduções das notícias linotipadas, a primeira conclusão a que chegámos arregimentando algarismos, foi a seguinte: Durante o ano de 1930 cometeram-se no mundo

entra nesta estatística com 340 crimes a mais do que a Europa, é preciso vêr que existem países, como o Uruguay, onde a pena de morte foi abolida e onde essa mancha vermelha está minguada ao mínimo. Mas confieámos á eloquência aritmética todas as impressões desse primeiro contacto com o nosso dossier.

Total dos crimes de morte ou seja de *homicídio voluntário* nos continentes europeu, africano (nêste limita-se ás cidades coloniais, ao Egipto e União Sul Africana), Asia, America e Oceania (apenas Australia), 5.762. Divisão por continentes: Europa, 1.837; Africa, 522; Asia, 735; America, 2.177 e Oceania, 491. Na Europa, o país onde o crime se dilatou a uma cifra máxima foi... a pacata, burguesa, conservadora Alemanha, que tão fácil e freqüentemente applica a pena de morte. Só a Alemanha tem sobre si 292 crimes, mais 102 do que a França, onde a guilhotina trabalha com uma assiduidade lamentavel. Em compensação, três países onde não existem pena de morte, a Belgica, a Suíça e Portugal (ah! patriotas!), o crime desce a uma categoria insignificante. Portugal com 42, a Belgica com 27, e a Suíça, país plebeu, país socialista, com... 9! O continente americano, o mais ensanguentado de todos, tem os Estados Unidos, o país dos records, como o record do crime. Dos 24 países que formam esse continente é a Republica Norte Americana que acumula, só do seu lado, esta percentagem affliva ou sejam 1.231 crimes! Segue-se-lhe Vene-



O grande mistério de Berlim de 1930: o assassinio dos directores da «Stevens Line Co.»

—no mundo que tem jornais, e sabe Deus o que terá sucedido nêste mundo misterioso das selvas e das florestas — 5.762 crimes de morte!!! O continente onde o crime atinge maiores proporções é a America, a America civilizardíssima! Mas não, nos apressemos nos comentários. Se a America Continente

zuela, com pena de morte, o Chile, com pena de morte e o Peru, com pena de morte. O Mexico, tão caluniado, é dos que menos crimes apresentam: 97, mais de metade de carácter politico. O Uruguay, que já citámos, e que é de todos o mais avançado socialmente, que apenas teve a pena de morte nos primeiros



to meses de independência, apresenta uma estatística inferior à da Suíça: 8 crimes! — dos quais 4 apenas foram cometidos por cidadãos uruguayos (os restantes criminosos eram estrangeiros e 2 recém-chegados), e desses 4 apenas 2 podem ser considerados crimes (um roubo, outro vingança), os outros dois... passionais!

Mas não foi para vos oferecer uma estatística, aliás curiosa, aliás inédita, aliás digna de interesse dos principais criminalistas mundiais, que não tiveram o cuidado de organizar um *dossier* como o nosso. O objectivo do nosso artigo é outro...

AS ESTATÍSTICAS DO CRIME

De todas as saliências que o nosso tacto marcou na lisura da estatística do crime mundial de 1930, uma, mais aguda e berrante, aquela precisamente que inspirou a etiqueta da pasta, merecia uma reportagem. Dos 5.762 crimes que se conhecem, *homicídios* voluntários registados no noticiário da imprensa mundial, *cem crimes, cem mistérios, cem criminosos impunes*. Antes de os esclarecermos, de os detalharmos, vamos ao gráfico. *Cem*, número exacto, está assim dividido: Alemanha, 25; Estados Unidos, 22; França, 12; Polónia, 11; Servia, 2; Romenia, 5; Bélgica, 4; vários países, 14; e *Portugal, 5*. Esses cem crimes, cem mistérios — deixaram cem criminosos à solta. Cem? E porque não há-de ser um só?

AS DACTILOGRAFAS DE BERLIM

Um dos recortes, do «Tempo» de Berlim, referindo-se ao misterioso assassino da dactilógrafa Clery Bryder — cuja autopsia a deu como «morta, fulminada, por uma inoculação de arsénico no momento em que começara a escrever uma carta à máquina» — nota o seguinte, pela pena do seu redactor Vald Weber: «A nossa polícia, de que nos podemos orgulhar porque é das mais perfeitas não só da Europa como do mundo, atordoa-se ante o ritmo de mistério dos últimos crimes. O caso de Dusseldorf, o do sátiro que matou dezenas de rapanigas, não tem a importância nem a gravidade deste mistério. O caso de Dusseldorf limita-se a essa cidade. O ritmo a que nos referimos alastra-se por todo o mundo. Na França, nos Estados Unidos, na Servia, em toda a parte da Europa e da America, estão-se praticando crimes enigmáticos, que a polícia não consegue decifrar, e todos eles têm um parentesco técnico — de técnica criminalologista. A pobre Clery Bryder, pacata dactilógrafa, sem aventuras nem complicações de vida, acabou de chegar ao seu escritório, a casa Fridland & C., em Unter den Linden, sentara-se frente à máquina, e mal começou a tecer a primeira carta, caiu morta, assassinada. Mas — é isto o que angustia neste crime — a sua antecessora,

Carmen Jacob, morreu da mesma maneira. E entre os mortos dos tais crimes indecifráveis cometidos na Europa, no presente ano de 1930 — abundam as dactilógrafas...»

O redactor da notícia não mente. Entre esses crimes, abundam, como vítimas, as dactilógrafas — e só a França apresenta 8 casos identicos. E os Estados Unidos, 4. Mas a lei de coincidências que rege esses cem mistérios não se limita às dactilógrafas. Quinze indivíduos morreram, nos Estados Unidos, na Alemanha, na França e até na Polónia — quando se encontravam em festas públicas e no preciso momento de estarem frente a *fotógrafos que, de «kodak» em punho, pareciam retratar os grupos em que eles estavam*. Facilmente um detective com boa imaginação conclui: primeiro — que as dactilógrafas foram feridas pelas próprias teclas especialmente preparadas com esse fito e que os seus dedos ao tocarem nelas receberam a picadela de uma agulha aplicada à máquina que lhes injectou o veneno fulminante; segundo — que esses fotografos não o eram, mas sim estavam de posse de um aparelho cuja pontaria, em vez de representar o *tic-tac* dum retrato, representava o disparo de uma bala. Mas tudo isto se explicaria (o caso das máquinas de escrever está explicado assim visto que a polícia alemã provou que uma das vítimas teclara, de facto, uma «Royal» preparada criminosamente com esse objectivo) se outras coincidências não existissem... Por exemplo, o caso da assembleia da Sociedade dos Petroleos Mexicanos, em New-York. Reuniu-se o conselho de administração em 12 de Agosto de 1930 (afirma-o o «New-York Herald» do próprio dia, 5.ª edição). Os seus componentes eram Charles Brown, Clark With, Cook Smith, etc. Entraram para a sala da direcção, fecharam-se — e os continuos esperaram. Um quarto de hora depois tocaram a campainha. Um dos continuos apareceu. Pediram-lhe água. O continuo trouxe um jarro de água e fechou a porta. Eram 5 horas e dez minutos. A's duas da manhã ainda não tinham saído. O pessoal que esperava, sem jantar, o fim da assembleia impacientava-se — e escutou à porta. O silêncio era absoluto. Abriu a porta — e encontrou tantos cadáveres quantos eram os administradores. Alarme; polícia; investigação; autopsia. Tinham sido todos envenenados com arsénico. Como? Pela água? Aquela que se encontrara no jarro continha ainda o tóxico. O continuo foi preso — mas provou que a colher do filtro habitual. Resultado: mistério...

Mas não são dez, nem vinte os crimes como estes — são *cem, cem!*

O QUE DIZ A POLICIA ALEMÃ

No *Tage Zeitung* de 8 de Dezembro lemos o seguinte: «Uma onda de crimes toda não só a Alemanha, não só a Europa — mas o mundo. Em todos os continentes se tornam cada vez mais frequentes as proezas inexplicáveis sem objectivo, sem consequência — e sem vestígio. Só um ponto de contacto os irmana a todos: a inteligência, a originalidade com que esses crimes são cometidos. Em todos eles se encontra um processo novo. Hoje é uma máquina de escrever; amanhã, um «kodak»; depois um jarro de água; depois ainda uma alta corrente aplicada a um telefone. Tudo indica que o criminoso seja o mesmo — porque segundo as datas destes crimes vemos que eles são praticados em série em cada país; e os intervalos notáveis entre essas séries equivalem ao tempo necessário de uma viagem de país para país, de continente para continente, descontando-se-lhe os dias necessários para a sua preparação. O director da policia criminal com quem ontem falámos e de quem colhemos os comentários citados é o primeiro a confessar que todas estas tragédias parecem preparadas por um único cérebro — um cérebro dotado de invulgares conhecimentos científicos.»

E PORTUGAL ?

Na estatística que apresentamos no início desta reportagem figura Portugal com cinco crimes. Esses cinco crimes correspondem ao mesmo período de tempo — são seguidos, imediatos, vêm uns atrás dos outros. Dir-se-ia que o director da policia alemã está dentro da razão e que o assassino — o autor dos *cem crimes misteriosos* — esteve entre nós. Um detalhe — o detalhe máximo, o verdadeiro sinal digital desse assassino: todas as suas vítimas, as suas cem vítimas, têm, no nome ou no apelido, a inicial C. Na Alemanha, como na França, como na Polónia, como na Romenia, como nos Estados Unidos, sejam dactilógrafas, politicos, ou administradores de Companhias, todos eles têm um C... Pois bem... Em Portugal — nos 5 crimes misteriosos a que se refere a estatística — as vítimas também têm um C no nome. Recordemos o enigma de Frielas! A vítima chamava-se Cristovam de Almeida — tenente Cristovam; *Cristovam... C...*

O que quer isto dizer?

O QUE DIZEM AS CRITICAS POLICIAIS

A «Chicago Tribune», na sua edição europeia ou seja parisiense, publicava em 27 de Novembro último o seguinte telegrama, directos:

«NEW-YORK, 26. — Reuniram-se ontem, na Central da Policia e sob a direcção de Mr. Brekker, chefe dos detectives newyorkinos, os chefes das policias de vários Estados. A causa desta reunião, que se manteve secreta, sem que dela transparecesse uma só palavra de esclarecimento para os reporteres, parece ser uma nova epidemia de crimes misteriosos que avassala os Estados Unidos — não poupano sequer os famosos «azes» do banditismo de Chicago. O proprio Al Capone vive actualmente sob um verdadeiro terror. O que sobretudo assusta Al Capone e os outros «azes» do crime de Chicago — é que estes atentados não representam a continuação dos anteriores, ignorando-se o seu móbil, a razão e a autoria. Só em New-York registaram-se cinco crimes deste género — sendo três das vítimas dactilógrafas. Um detalhe curioso: todas elas tinham a letra C como inicial do nome ou do apelido; e também Al Capone se chama... *Carlo*...»

Uma nota recente do Director da Policia Judiciária de Paris, Mr. Guillaume, tranquiliza a população parisiense afirmando que a onda de assassinios misteriosos que ensanguentaram a capital em 1930 se extinguiu por completo.

Extinguu-se em França, mas prossegue nos outros países. Obra de um louco? Ou...? Mistério! Mistério!

Quantas fantasias de Verne estão hoje ultrapassadas pela ciência?

(A propósito duma exposição em Berlim)

todos os que procuram ver mais além do que pertence à sua zona visual.

sta, os seus sonhos que maravilharam o mundo foram ultrapassados pela realidade, pela técnica e pela ciência modernas. Hoje, o mais modesto dos mortais guinda-se às alturas dos céus, desce às profundidades dos oceanos, com maior facilidade, segurança e velocidade do que o faziam os heróis dos seus romances, sem que por tal se lhes ponham os cabelos de pé! Para os nossos avós as criações de Julio Verne eram sempre comentadas com as palavras «Nunca! Irrealizável!»

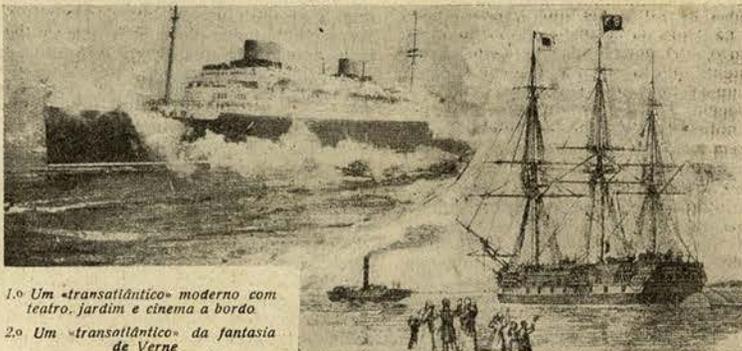
«Nós temos — diziam nossos antepassados — as nossas locomotivas que fazem seus belos 30 e até 50 quilómetros por hora, mas isto faz-se sobre a superfície dos continentes; enquanto a aerostats, submarinos e outras máquinas, isso «nunca!» Julio Verne é um maravilhoso utopista, mas nada mais do que isso». E limitavam-se a sorrir com ironia. Julio Verne falava dum viagem de cinco semanas em balão, nos tempos em que um balão apenas se podia manter umas certas horas no ar. Hoje ainda nenhum dirigível se mantém cinco semanas no ar, mas porque tal não é necessário; hoje um dirigível já não é um brinquedo de crianças nas mãos do vento; o dirigível vai e aterra onde quer. Mas o aeroplano tem feito já records de



1.º O interior dum balão, no tempo em que Verne escrevia e os balões... catam
2.º O interior luxuoso dum «Zeppelin» moderno

Acaba de inaugurar-se em Berlim — e não em Paris! — uma exposição organizada pelo «Instituto Oficial do Progresso Científico» sob a legenda «O Passado, o Presente e o Futuro das Ciências

Julio Verne, que é hoje um esquecido, foi de todos os escritores o mais inacreditado, tro-



1.º Um «transatlântico» moderno com teatro, jardim e cinema a bordo.
2.º Um «transatlântico» da fantasia de Verne

cado, caluniado pelos seus contemporâneos. Mas hoje, apesar de todas as ousadias da sua fanta-

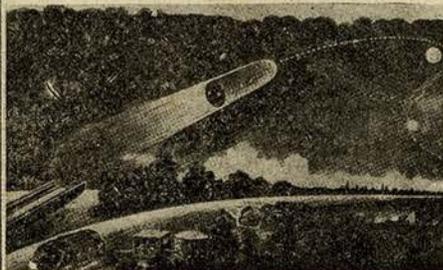
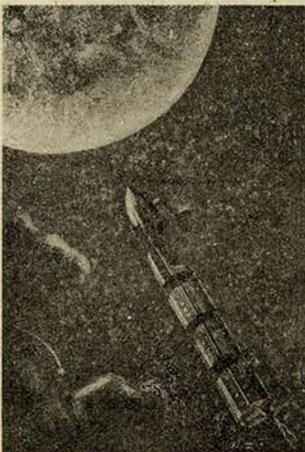
permanência no ar. Julio Verne pintou-nos o interior dum dirigível com as suas «cabines» providas de luxo e conforto. Mas a realidade ultrapassa de muito a fantasia. Mas há mais. As 20.000 milhas do submarino «Nautilus» e o seu itinerário já tiveram realização pelos modernos

(Conclui na pag. 14)



1.º Interior do «Nautilus» na gravura das 20.000 léguas submarinas
2.º O interior dum submarino moderno

Práticas». Nessa exposição, instalada no «Palácio de Electricidade» da capital alemã, existe uma secção gráfica intitulada: «As fantasias de Julio Verne». ... A Humanidade é descrente e sorri-se de



1.º A viagem à Lua, como a sonhou Julio Verne
2.º O mesmo sonho como o planeta Mars Right, o alemão que também quer ir a Lua

VIGARISTAS DE ALTO COTURNO

Como nas antigas comédias, o trio irmãos Vasconcelos Ferreira e Penedo Costa aproveita-se das situações equívocas — Como mano Carlos vende o que não é seu e pretende apossar-se de um prédio na R. das Taipas

TAL como nas antigas comédias que faziam as delícias dos nossos avós, o Joaquim Vasconcelos Ferreira, seu irmão Carlos e o já não menos célebre Artur Penedo Costa não vivem senão de situações equívocas. Nas velhas comédias essas situações equívocas eram quasi inofensivas e, por vezes, úteis visto que vinham animadas do salutar propósito de provocar o riso aos espectadores.

Recordamos com saúde essas comédias ingênuas. Levavam-se dois actos na persuasão de que certa personagem elegante, bem trajada, simpática, era uma excelente pessoa, para no fim de contas,

carroteamento de terras em Alcacer do Sal por um tractor que dispendeu vinte contos para ganhar um, a dança e contra-dança dos teijolos para pagamentos de dividas que, afinal, não chegavam a pagar, e tantas outras habilidades que já aqui relatámos, edificaram os leitores sobre a moral do Joaquim Vasconcelos Ferreira e do Artur Penedo Costa. Mas do mano Carlos pouco ou nada sabiam, e porque não queremos deixá-los em uma bem compreensível ansiedade, aí vai hoje uma proeza do mano Carlos para entreter...

O Carlos Vasconcelos Ferreira, como seu mano Joaquim, também compra e vende tudo quanto pode, o que lhe pertence e o que não lhe pertence, como se vai ver.

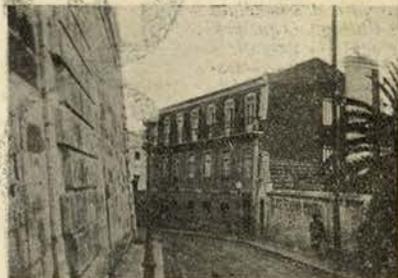
Um dia resolveu vender uma quinta. Mas tinha êle por acaso uma quinta? Não tinha. O caso, porém, pouco importava. Tinha-a um tio seu. Havia comprador — o sr. Rodolfo Costa. Se havia comprador, tinha que haver vendedor. Carlos resolveu então vender-lhe a quinta do tio — sem autorização dêste — por trezentos contos. Mas Rodolfo não tinha dinheiro de contado para a realização do negócio — possuía, porém, um prédio, prédio bem conhecido, na rua das Taipas. Logo o matreiro Vasconcelos lhe insinuou uma variante na transacção, que Rodolfo aceitou, hipotecando-lhe por 280 contos o referido prédio.

E o pobre Rodolfo, na boa fé, sempre a imaginar que a quinta era de direito e de facto do mano Carlos!

Enfim, o tempo foi decorrendo. Rodolfo Costa entrou na posse fictícia da quinta, nela fazendo melhoramentos em um valor superior a cem contos. A quinta, porém, apesar das instâncias do comprador, nunca passava para o seu nome — nem podia passar visto que não pertencia a quem lha vendera.

Findava, entretanto, o prazo para pagamento da quinta. Rodolfo ainda não estava habilitado para satisfazer essa importância, pediu ao mano Carlos que esperasse algum tempo. Mas o mano Carlos, em tom convicto de autêntico proprietário, negou-se a esperar. «Se não podia pagar, accionava-lhe a hipoteca do prédio».

Os leitores estão vendo a qualidade dêste cavalheiro de indústria? Desejava simplesmente apossar-se de um bom prédio para se pagar de uma propriedade que não lhe pertencia e que, portanto, jámais poderia vender!



Um prédio bem conhecido da Rua das Taipas

no terceiro ou quarto acto, verificarmos com espanto e indignação que não passava de um refinadíssimo patife. Outras vezes sucedia precisamente o contrário: aquêle que nós, logo de início, tomávamos por cínico, traçoeiro, crapuloso, na scena culminante da peça revelava-se nos um homem cheio de pruridos de honra, incapaz de fazer mal a uma môsca, susceptível de sacrificar a própria vida pelo bem alheio. A matrona pesada, gôrda, de honestidade blindada, surgia-nos invariavelmente de pundonor frágil, ocultando faltas antigas e amôres ilícitos; a rapariga aparentemente leviana, que nos parecia uma atrevida oferta aos desejos dos homens, aparece-nos, afinal, com uma honestidade de ferro. Estes *trucs* de teatro estão agora em moda na vida real.

O trio irmãos Vasconcelos Ferreira e Penedo Costa é exímio em situações equívocas. Mas dos três o que melhor maneja êste novo modo de vida é o mano Carlos.

Os leitores já conheciam inúmeras proezas do Joaquim Vasconcelos Ferreira e do Artur Penedo Costa. A história da letra da Manutenção Militar, os negócios de madeiras, o trespasse de um escritório que não lhes pertencia, o



O nosso redactor ouvindo uma das últimas dos manos Vasconcelos

Rodolfo andava consternado. A' pressa — mas não tão depressa que o prazo do pagamento da quinta não tivesse já expiado — arranjou o dinheiro e dispôs-se a entregá-lo ao Vasconcelos, embora a escritura da venda não estivesse feita, nem houvesse jámais possibilidade de a fazer, em virtude do mano Carlos não ser o proprietário, mas sim um tio seu.

Carlos Vasconcelos, então, por muito favor apresentou uma plataforma: não aceitava o dinheiro (pudera!... se o aceitasse ia parar à cadeia, o que seria uma maçã) mas concordancia em que Rodolfo lhe restituisse a quinta, com os melhoramentos de cento e tal contos e mais cinqüenta contos em dinheiro. Receoso de perder o prédio da Rua das Taipas, Rodolfo largou a quinta, os cinqüenta contos e tudo.

E só mais tarde é que o pobre Rodolfo Costa veio a saber que a quinta era do tio do Carlos de Vasconcelos. Nessa altura torceu a orelha — que não deitou nem pinga de sangue. Tinha-lho chupado o mano Carlos, o gracioso Carlinhos, digno do mano Joaquim e do sócio Artur Penedo Costa.

Reporter X

Por motivos de ordem técnica somos obrigados a retirar do presente número varios artigos anunciados... e não anunciados, entre outros sobre o marquês de Sousa e outros negócios de chantage de que temos sido vítimas e contra os quais estamos dispostos a agir de forma a não deixar ilusões a certa câfila de individuos que tece as tetas da sua ignominia no nosso nome — sem que nós tivéssemos sequer conhecimento de isso. Mas não perdem pela demora...

REPORTER MARIO

QUEM SÃO OS AGENTES PORTUGUESES

DE

Al Capone e dos outros chefes do banditismo de Chicago?

Uma reportagem inesperada — Jack Diamond e um artigo do «Detektive» de Berlim — A organização europeia dos bandidos americanos — A «Lei Sêca» e o contrabando dos vinhos portugueses — Ernest Worss, o detective alemão e a carta que Karl Lorsen dirigiu ao «Reporter X»

Os bandidos de Chicago têm ligações com Portugal. Eis a maior reportagem da semana. Os bandidos de Chicago, fama mundial pela mesdos «Fords» e dos films «Paramount», estão hoje lançados ao mercado da publicidade berrante



1.º — Al Capone; 2.º — Vannie; 3.º — Brooks; 4.º — Schultz; 5.º — Jack Diamond

tôdos ignoravam é que agentes... comerciais — no nosso país. Portugal civiliza-se...

COMO «NAS CERAM» OS BANDIDOS DE CHICAGO

O «ventre» deste banditismo foi a «Lei Sêca». A «Lei Sêca» desenvolveu a loucura, o alcoolismo — o crime. Os mais feroces defensores da «Lei Sêca» são os bandidos de Chicago. Foi ela que os enriqueceu, que lhes proporcionou o prestígio, a força, o dinamismo que move os engenhos despóticos, trágicos, de toda a existência de Chicago e que apavora a sua população e quasi toda a América. Sabe-se que essa gente se dedica também ao tráfico de brancas, de alcaloides; ao jôgo clandestino, à «chantage», à ameaça de morte, estilo «Mafia» e «Mão Negra» — mas tôdas estas fontes de receita são «ganchos» dos subalternos, trabalho das horas vagas, pequeno negócio à margem do «metier». O grande negócio, a base, o objectivo, o segredo de toda a sua organização é a industria e o comércio do alcool. Dai a rede financeira, social, politica, que lhes apra tôdas as quedas dos trapézios da infamia. Dai as influencias, as relações, os bancos acreditadissimos e as empresas «sôldas» que giram à sua volta.

Jack Diamond, ex-lugar-tenente de Al Capone e depois seu rival como chefe independente, foi ameaçado de morte. A única possibilidade de escapar aos carrascos do seu antigo chefe era sair da América. Fugiu, embarcando para a Europa. Na Europa, cinco países se recusaram a recebê-lo. Viu-se obrigado a regressar à pátria e o «Reporter X» soube que ele passou pelo Porto — ou pelo menos que o barco em que ele voltou à América esteve ali antes de atravessar o Atlântico. Duas semanas após o seu desembarque em New-York era executado... Paz à sua alma — caso aquêlê corpo usasse o luxo de uma alma... Um jornal alemão, «Detektive», adaptado do «Detective» francês, mas mais perfeito e moderno, publicou no seu número de 26 de Outubro uma curiosa reportagem de Karl Larsen sobre o banditismo de Chicago, a viagem de Diamond, a sua morte, e sobre os representantes de tôdos êsses «trusts» criminaes em vários países da Europa. Eis o período mais interessante dêsse artigo:

COMO SE SOUBE QUE...

«Al Capone, Torelli, Vannie, Schultz, tôdos os chefes de bando, soberanos, imperadores, do banditismo americano encaram a vida a sério como um chefe de Estado, um banqueiro, um industrial. As suas organizações são modelares, modernas, perfeitas. Assim como têm exercitos de facinoras, «pistoleros», carrascos, «apaches», assassinos, escamoteadores — possuem guarda-livros, dactilógrafas, caixeiros-viajantes, advogados, técnicos, analistas... Jack Diamond, na ansia de se salvar, cometeu imprudências que deram à policia alemã uma pista que ela há muito farejava, por interesse próprio e para satisfazer a natural curiosidade da policia de Chicago; a pista dos representantes do banditismo de Chicago na Alemanha. Diamond telegrafou de bordo a um individuo residente em Berlim. Esse individuo partiu para Hamburgo, mas ao vêr as medidas policiaes tomadas para conter o desembarque de Diamond — teve a cautela de não se aproximar dêlê, cautela inutil visto que os nossos detectives, conhecedores do telegrama, antes que êle lhe fôsse entregue, não o perderam de vista. E graças a essa imprudência do ex-lugar-tenente de Al Capone está decifrado o misterio dêsstes sinistros agentes. Al Capone e os outros chefes têm os seus embaixadores espalhados pela Italia. E da Italia que irradiam as ordens para toda a Europa. Em Berlim existem vários individuos que vivem exclusivamente dessa missão.

Aquêlê a quem Diamond telegrafou era representante especial de Torelli — sócio de Diamond. Mas não julguem que êsse diplomata de bandidos é um «apache» das vielas de Berlim. Pelo contrário. Trata-se de «alguem» muito conhecido e respeitado no mundo financeiro e comercial... Ocultamos-lhe o nome para não fazer coagular o trabalho da policia, que está em vésperas de descobrir toda a rede europeia dos bandidos de Chicago. O que posso desde já garantir é que essa rede se estende de Italia e da Alemanha à Inglaterra, Holanda, França e a Portugal. O principal papel dêsstes agentes é o de darem refugio aos enviados especiais, o de tratarem de tôdos os seus negócios... escurissimos, referentes ao continente e, sobretudo, o de comprarem grandes quantidades de bebidas alcoolicas destinadas ao contrabando. E tanto assim que os agentes de Italia chamaram a atenção policiaal pela quantidade de pipas de «Lagrima Christi» e de «Chianti» que compravam; e o mesmo succedeu aos outros pelos carregamentos de vinho do Rheno, de cerveja, de genebra «Fooling», de «whisky» de boas marcas, «White Horse» e «Bull» — de «Champagne» «Cliquot» e «Munn», de Borden «Medoc», de Bourgogne «St. Jf», de Xerez «Caliente», de cognac «Marcial», de Malaga «Lopez», de «Porto» e de «Madeira» que eram respectivamente adquiridos por alto preço em Cologne, em Amsterdam, em Liverpool, em Marselha, em «Oporto» e em «Lisbon». Porque o negocio dêsstes muitos Al Capones não se limita a Chicago — mas sim a toda a América do Norte; não se limita aos bebédos que compram qualquer alcool, mesmo aquêlê que os bandidos falsificam nas suas destilarias secretas — mas estende-se, pelo contrário, até às caves clandestinas dos mais finos apreciadores que exigem variedade, rótulo, garantia de procedencia e de marca — como se vivessem em Londres, em Paris, em qualquer nação que não tivesse «Lei Sêca».



Os representantes portugueses dos bandidos de Chicago

(Conclui na pag 14)

MISTERIOS DA VIDA LISBOETA

O ANÃO AMARELO E O LABORATORIO DOS FEITIÇOS



ILBERINO



títulos e figuras mundanas, nacionais e cosmopolitas, tinham contratado o tenor italiano Giovanni Cavalleri, da «troupe» de opera do Coliseu, para entoar, sob os lustres eléctricos do salão, o «adeus» ás estrélas da madrugada de Mario Cavaradosi, na sua última manhã ou antes, *no seu último acto*, da «Tosca»... Em redor do piano de cauda agrupavam-se, como para um concurso de beleza, as mais lindas mulheres da festa, tódas disputando a atenção do cantor da moda. Como franco-attrador de observações, vagueava por entre aquela multidão elegante—quando próximo de mim se travou um diálogo cochichado e que por isso mesmo me fez estacar entre portas, tomando o ar de quem vigia de longe uma mulher. Dos dois jovens que palestravam em surdina,—um loiro, outro moreno—era éste quem interrogava aquêle:

- Qual delas é ?
- A que está junto ao piano ...
- Mas junto ao piano estão quasi tódas as damas desta festa—como odaliscas adorando um rajá que, neste caso, é o italiano...
- E' a que está agora sorrindo para Giovanni...
- Mas tódas lhe sorriem ao mesmo tempo...
- A do decote exageradissimo...
- Mas decotadas até á cintura estão quasi tódas...
- A de vermelho...
- São cinco...
- Pois sim—mas é a que esboçou um gesto

dessa de Branowitch

— D. Maria Augusta de Azevedo Marão — é de tódas aquelas belidades aquella por quem tu serias capaz de cometer tódas as loucuras... Repara... São dez... vinte, vinte e cinco. Formosas, muito belas ou simplesmente bonitas... Mas, de entre tódas, uma que não é talvez nem formosa nem muito bela, nem bonitinha, é a que precisamente o teu olhar, logo que pouse ou que roce ao de leve pelo seu perfil estranho, sentirá como que uma suave queimadura, a picadela dum afimêto de ouro que, perfurando a tua pupila, vai directo á alma para logo derramar sobre a ferida aberta um dulcissimo balsemo, uma saborosa acalmia, uma serena excitação...

○ INTRIGANTE mistério que envolveu, durante anos, a estranha figura de D. Maria Augusta de Azevedo Marão, Condessa Branowitch, portuguesa pelo sangue paterno, brasileira pelo materno, italiana pelo nascimento e húngara pelo matrimónio, ficou conhecido em Lisboa pela legenda pelucleira do «Laboratório dos Feitiços». Ficou conhecido, escrevi eu — e erre!... Dir-se-ia assim que o caso, pelo menos na época final da sua decifração, se iluminou aos olhos de tódos que o fitavam, numa hipnose de sófrega curiosidade... Pelo contrário, limitou-se a ser revelado a um minguado e discreto grupo da intimidade da Condessa — e esse, como o avarento de Molière, enterrou o segredo nas profundidades de um silêncio inviolavel... O próprio aço também estoira quando a dinamite se encoloriza e o agride, matraqueando-o com os seus punhos de fogo. Não admira pois que o cofre em que o emocionante enigma de D. Maria Augusta de Azevedo Marão estava oculto não resistisse ao assalto de uma reportagem de baioneta caçada.

Ei-la. Lelam-na como se tratasse de Wells, Wallace ou Conan Doyle. Deixem vibrar os seus nervos ante a emoção do mistério que se vai desenrolar ante os vossos espiritos. Esqueçam-se de que a Condessa de Branowitch é uma mulher que marcou vistosamente a sua passagem por Lisboa, que toda Lisboa viu, discutiu, caluniou...

COMO E ONDE CONHECI A ESTRANHA CONDESSA

Esquivei-me sempre a tódos os convites de sociedade, desde o «live» íntimo, do «garden» de caridade ao banquete solene e ao baile diplomático, com a mesma tenacidade com que os outros procuram ser convidados. Não é «snobismo» anti-«snob» mas sim uma lacuna de sensibilidade que não me permite participar dos prazeres que estas festas oferecem a quem assiste ou nelas colabora. A volupia do contacto na efémera posse do baile, o encantamento da música, o xadrez das intrigas e das palestras, o ilusionismo espiritual dos «flirts», o enervamento do «cock-tail» — acellto-os eu, separadamente, noutros tabladros, com outros comparsas, como espectador solitário e nunca como artista criador... Mas nem sempre essa minha esquivia sistemática me liberta do serviço mundano obrigatório. Entre o cadastro de sacrificio a que a minha profissão me sujeita — salientam-se algumas «soirées» ou «matinées» deste género. Assim, por exemplo, devido á influencia de um amigo tive de me encasacar na noite de 28 de Novembro de 1929, na tortuosa ante-certeza de umas horas de suplicio, para assistir ao baile com que o Dr. Matias Borias Karnich, encarregado de negócios da Ukrania, festejava, no seu primeiro andar das avenidas, o inicio das relações diplomáticas entre Portugal e aquella república russo-branca. Fixei a data porque, graças á estranha Condessa Internacional, a notada não foi de bocejos nem de monotonias como eu esperava, porque a conheci, porque — em resumo — foi nessa noite que tive o contacto com o mistério do seu laboratório dos bruxedos...

Os donos da casa, que recrutaram os melhores



A Condessa de Branowitch possuía um iman misterioso e intrigante

de contrariedade quando o tenor ofereceu o braço á senhora ministra da Ukrania...

— Contrariadas ficaram tódas as que não tiveram o braço do tenor...

— E' difícil explicar... Espera... Olha... A Con-

— Basta! — disse o outro. — A condessa Branowitch é a que...

E, simultaneamente — êle, quasi em voz alta, eu, num murmúrio só para mim — rematámos:

(Continua na pag. 15)

QUEM SÃO OS AGENTES PORTUGUESES

DE

AL CAPONE E DOS OUTROS CHEFES DO BANDITISMO DE CHICAGO?

(Continuação da pag. 12)

A reportagem de Karl Lorsen, que transparentava uma estreita ligação entre o reporter e os detectives encarregados do caso, concluiu dizendo que a polícia alemã estava hoje habilitada a fornecer a todas as polícias europeias as informações necessárias para a descoberta dos representantes e agentes dos «Bandidos de Chicago» na Europa.

ATENÇÃO: PORTUGAL E OS BANDIDOS DE CHICAGO

O Reporter X ante uma tal insinuação não podia ficar inactivo. Escreveu ao ilustre jornalista alemão pedindo-lhe a fineza de o esclarecer sobre o referente a Portugal. Acabamos de receber a resposta a essa carta, datada de 12 de Janeiro. Ela-la trazidada:

Meu caro colega: *Desculpe-me só agora atender ao seu pedido de 2 de Dezembro do ano findo — mas essa demora teve duas causas involuntárias. Primeira — a sua carta dirigida ao Sindicato dos Jornalistas de Berlim só me foi entregue duas semanas depois, visto que andava em viagem, como pode dizê-lo o nosso comum amigo que o. evoca desnecessariamente como aval do seu pedido — o Dr. Hymanns, director da casa «Ullstein»; segunda — para o poder elucidar precisava entender-me com o detective-chefe da Brigada Internacional, Dr. Ernest Wors, que foi quem dirigiu o inquérito ao affaire Diamond e que actualmente está «inabordable» pelas preocupações consequentes de outro affaire não menos grave — o de «Hans Roquette», que apaixonou toda a Alemanha. Só ontem me foi possível falar-lhe — e como vê não deixei passar muito tempo entre o que «ouve» e o que lhe transmito...»*

«Segundo me afirma o Dr. Ernest Wors pelo que apurou indirectamente e pelo que «arrancou» directamente ao agente de Torelli em Berlim, existem pelo menos quatro representantes ou nucleos de representantes dos bandidos de Chicago em Portugal, quasi exclusivamente dedicados à missão comercial ou seja da compra de vinhos para o tráfico clandestino — mas com absoluto conhecimento do objectivo da sua representação e da «classe» das firmas que representam. Al-Capone, que foi o primeiro a organizar-se na Europa (como o foi na America, sendo ainda hoje o maior da série), encarregou um irmão seu, conhecido pelo nome falso de Giovanni Duppi, de estabelecer o motor na Europa. Chegou da America e desembarcou em Genova em 27 de Junho de 1926 e depois de uma tournée pela Italia, Alemanha e França esteve em Portugal de 9 de Setembro a 18 de Novembro. A forma como travou relações com o indivíduo que desde então o representa no seu país, ignoramos. O que sabemos é que esse indivíduo fez com ele uma viagem à Madeira e esteve hospedado num hotel do Porto. Sabemos também que esse seu representante era alto funcionário de um Banco e que desde então deixou o emprego, vivendo exclusivamente dos «negócios» do seu representado. Não consta que seja um «profissional» — mas quanto a esculpulos pode-se medir pela facilidade com que se ligou a Al-Capone a antropometria da sua consciencia. O seu apelido é Novais e tem uma quinta (cour?) nos arredores de Lisboa. Só no ano de 1928 exportou com vários falsos destinos perto de 15.000.000 de marcos em vinhos. Na sua maioria esses vinhos vão para um porto francês, onde os barcos de Al-Capone os carregam.

Torelli, o mais poderoso soberano do crime a seguir àquê, tem um agente no Porto, sobre

o qual poucos esclarecimentos o Dr. Wors possui. Sabe apenas que no gráfico especial do «meio» é conhecido pelo «Degut», diminutivo do «cock-tails» americano feito com vinho do Porto, e que as iniciais são J. B. S.. O agente de Torelli caiu já no desagrado do seu chefe e consta que teve de se humilhar para não morrer. Esse J. B. S., em 1927, tentou a exportação directa, o que lhe ia custando bastante caro. O agente Vannie, sócio de Diamond, alcunhado de «Brooklyn», é o mais novelesco de todos estes representantes portugueses visto que, segundo o mesmo dossier, pratica uma profissão scientifica de grande responsabilidade, estando fóra de todas as suspeitas embora não seja um indivíduo considerado pelos seus concidadãos: é médico e reside também no Porto. Conseguiu esse pacto durante uma viagem ao estrangeiro, e para que não lhe descubram a infancia encarrega sempre outras pessoas da compra dos vinhos. A policia alemã sabe perfeitamente quem ele é porque Diamond também lhe telegrafou. Ele, porém, há muito que teve um desaire, estando há mais de um ano sem responder ás cartas que recebe do chefe. Esse médico — disse-me o Dr. Wors — tem uma vida miseravel e está registado no consulado por ter intervindo num negócio de chantage de que foi vítima uma senhora de nacionalidade alemã — M.me M. G. U. O único alemão que chefiava um bando em Chicago — Shultz — nomeou um seu representante em Portugal há pouco tempo, mas esse agente, ao que consta, nunca fez expedições de vinho, o que intriga a policia sobre o mistério da sua missão. As suas iniciais são J. B. e esteve muito tempo em Hamburgo como empregado comercial. O próprio Jack Diamond ao desertar das fileiras de Al-Capone para formar um bando seu, deu-se ao luxo de organizar várias agências na Europa, entre elas uma em Portugal, na pessoa de um comerciante que apenas lucrava os benefícios de um carregamento de vinho do Porto.

Eis tudo quanto o Dr. Wors me quis dizer. Disponha sempre do seu colega, etc... — (a) Karl Lorsen.

Não queremos ser mais papistas que o Papa — e por isso limitamo-nos a reproduzir textualmente o que o nosso camarada alemão nos escreve. Mas não é preciso ser bruxo nem possuir a sciência de Sherlock para transformar os pontos de interrogação dalguns dos individuos indicados, em pontos de exclamação. Quantas vezes tu, leitor, terás apertado desprevenidamente a mão a um indivíduo que julgas honrado e puro — e que, afinal de contas, não passa de um cumplice dos bandidos de Chicago. A nós, pelo menos, já nos sucedeu isso — pelo menos é essa a conclusão que tiramos recordando certos encontros em certo café portuense e sobrepondo-os ás características marcadas pelo nosso informador...

R. F.

Vinhos «Faisca»

O sr. Manuel Carvalho de Matos, de Favatos (Douro), teve a gentileza de nos ofertar uma caixa de garrafas de vinho do Porto, marca Faisca, cujo paladar corresponde admiravelmente ao réclame original que aquele conceituado vincultor lhe está fazendo.

«REPORTER X»

ENCONTRA-SE À VENDA EM TODOS OS PRINCIPAIS QUIOSQUES E TABACARIAS

Quantas fantasias de Verne estão hoje ultrapassadas pela sciência?

(Continuação da pag. 10)

submarinos. Até a viagem á Lua não escapou ao seu génio, e essa viagem, que Verne descrevia em 97 horas e 20 minutos, deve em breve ser empreendida por um alemão que espera realizá-la muito mais rapidamente. Foi ele ainda o primeiro descobridor do Polo Norte, descoberta espiritual hoje já na posse da sciência, cometendo Verne um dos seus invulgares erros julgando o Polo Norte de origem vulcânica, o que a realidade desmentiu.

Nós já não precisamos oitenta dias, mas apenas trinta, para dar a volta ao Mundo; brevemente nem uma semana será necessária. Mas o que diria Julio Verne do rádio, da conversação telefónica de continente para continente, dos raids dos «Zeppelins», da perfeição técnica dum «Dox», do filme falado e da televisão?

E' por essas e por outras que quando nos acusam de fantasistas — rezamos um Padre Nosso pela alma de Julio Verne...

METAIS-FERRAMENTAS

Rua do Loureiro, 86 a 92
Telef. 434 — PORTO

CASA DOS METAIS
Gomes da Silva, Ltd.
ESPECIALISTAS

Balanças, artigos
para a industria

OFERTAS E BRINDES

Silvas, L.^{da}

Da Tipografia Silvas, Ltd.^a, bela officina, tão boa que é ela que compõe e imprime o Reporter X, recebemos o seu calendário-brinde deste ano, pelo que nos confessamos muito agradecidos.

Brandão Gomes & C.^a

Brandão Gomes & C.^a, Ltd.^a, conhecida firma fabricante de conservas de toda a espécie, teve também a amabilidade de nos oferecer um bloco-calendário. Agradecemos.

QUEREIS DINHEIRO ?

Jogai no

Gama

Rua do Amparo, 51—LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

MISTERIOS DA VIDA LISBOETA

(Continuação da pag. 13)

O SEGRÊDO DA CONDESSA ENIGMÁTICA

... é a que, neste momento, se afasta do grupo, seguida por todos os olhares — até pelos nossos!

Quando a Condessa ressurgiu nos meios mundanos lisboetas, aí pelos finais de 1928, houve quem se recordasse, ao ser-lhe apresentado, de uma moçinha muito simples, tímida, insignificante, que, após a guerra, frequentara as salas da capital, entre o pai e a mãe, como uma prisioneira entre gendarmes, abanando a cabeça a cada convite de dança, ruborizando-se ridiculamente a cada apresentação e fechando-se num silêncio angustioso quando tentavam, por generosidade, lançá-la no voo voluptuoso dum *flirt*. Houve quem visse na Condessa de 1928 essa Maria Augusta de 1929 — mas era preciso ter realmente uma prodigiosa memória para isso, tão profundo e vasto abismo separava as duas figuras. O pai, descendente de boas famílias lusas, entrara há muito naquela penumbra onde habitam os indivíduos cuja verdadeira existência se desconhece e que se cognominam de «misteriosos». A mãe trazia ainda no rosto vestígios próximos de uma ascendência índia. Os dois levavam uma vida inquieta de neurasténicos ou de fugitivos. Maria Augusta nascera em Veneza, num hotel, e fora criada em contínuas viagens. Atrofiada física, mental e moralmente, apenas merecera a corte efêmera dum ou doutro galã piedoso que logo se libertava por achar o sacrifício demasiado pesado. Pouco tempo se demoraram então em Portugal; mas quando, um ano depois, se obteve de novo notícias daquele trio — uma estranha metamorfose se operara na insignificante e desprezada moçinha. Maria Augusta entrara triunfante em Paris, cubada por um prestígio vivo e doorado em todos os salões, perseguida ferozmente pelos Tenorios mais exigentes e pelos namorados mais sóbrios e discretos.

Era outra — muito outra. A sua entrada num salão, a sua passagem numa rua, o seu aparecimento num camarote de teatro provocavam, invariavelmente, um sussurro, uma fuzilaria de olhares, uma hipnose colectiva, uma emoção geral. Dir-se-ia que de todo o seu ser emanava um fluido dominador, como se todos os fakires da Índia a tivessem banhado na magia da sua ciência divina...

Logo aos primeiros meses de Paris um acontecimento veio invocar o curto-circuito de um escândalo em redor da sua figura. Tomás da Silveira, jovem português bastante endinheirado, *sportman* entusiasta, aluno da Escola de Aviadores, conheceu-a — e, como era natural, sofreu imediata influência dos encantamentos de Maria Augusta. Declarou-se, ofereceu-lhe mundos e estrelas, ajoelhou-se, suplicou, chorou... Maria Augusta, porém, muito sincera, disse apenas que, em troca de tantos tesouros, podia apenas ceder uma amizade fraternal... O que sucedeu depois pertence ao album onde Deus colecciona os segredos que nunca poderão ser desvendados pelos homens. Tomás falsificou a assinatura dos seus mestres para obter licença de voar sózinho, ergueu-se a uma altura fantástica e, uma vez vizinho do céu, desenhou uma linha recta com a terra, onde o seu corpo se desfez, na brutalidade da queda. Suicídio ou desastre? Ignora-se. Mas fôsse uma coisa ou outra — a fama da sedução fatal e involuntária (?) de Maria Augusta guiou-o a mesma altitude a que Tomás voara para cair depois... Logo a seguir, um oficial inglês, glacial, indiferente a todas as seducções, comodista e egoísta, e um jovem sábio, até então prisioneiro das matemáticas que o estavam celebrando, foram envolvidos nos mesmos tentáculos de amor que tinham perdido o português. Não foram buscar à morte o esquecimento — mas

perderam para sempre a paz, o interesse pela vida, o prazer pelos prazeres, a paixão pelo estudo e pela glória.

Seria impossível acomodar neste curto espaço todas as novelas de que Maria Augusta foi o íman fatal ou, pelos menos, perigoso: — ruínas, lágrimas, astúcias, façanhas audazes de tímidos apaixonados, obras primas de habilidade amorosa, e todas fracassadas, porque ela, Maria Augusta, muito simples, como que ignorando a alta corrente da sua sedução, interrompia as côrtes que a cercavam com um desabafo, possivelmente sincero e honesto, mas que enlouquecia os seus admiradores:

— «Que queres o meu querido amigo que eu lhe faça? Eu sou uma mulher que só pôde entregar-se ao homem que amar — só a ele... Mesmo por generosidade, não me era possível vencer esta determinação dogmática da minha alma. Portanto, aceite o máximo que posso oferecer-lhe: a minha estima...»

Mas um dia desembarca em Paris o Conde de Branowitch. E foi então que se começou a mur-

O môcho dos "cabarets" de Lisboa

(Continuação da pag. 4)

neiro transformara-se por completo. Perdera toda a calma respeitável que o caracterizava. Fixava-a assustadoramente. Uma alegria selvagem rasgava-lhe os olhos e a boca, dando-lhe um aspecto de louco. Elsa viu chegada a sua última hora e preparou-se para morrer.

Tornara-se mais pesado e mais atroz o silêncio que os envolvia. Resignada, Elsa desabafou em soluços a magua do seu destino. Foi então que, talvez comovido, o homem magro e calvo sorriu, mas não pareceu perturbar-se. Dir-se-ia ser-lhe familiar aquela scena. E, tremendo e babando-se, no domínio da sua histeria alucinante, aproximou-se de Elsa, beijou-lhe demoradamente, com terço voluptuosidade, os lábios e os cabelos, e começou a despi-la, preso da lasciva tentação daquela carne branca...

— Fôste tu, Elsa?

— Tinha de o ser! Pertence-lhe, num leito de pétalas fanadas, num leito das flôres que ele colhia nas sepulturas para requinte dos seus prazeres macabros.

— E depois?

— Quando voltou a estar calmo, deu-me liberdade, limitando-se a dizer que me mataria se eu revelasse alguma vez o segredo daquela aventura, o segredo da sua doença. Esse homem só sente o amor junto da morte. Eis porque fez daquele jazigo o seu ninho amoroso.

— Voltaste a falar-lhe depois dessa noite?

— Tenho-lhe medo, um pavor que nem calculas! Procura-me de vez em quando, para me convencer a tornar, de novo, ao cemitério da sua terra. Mas eu receio-o cada vez mais. Parece que uma das suas amantes enlouqueceu lá, numa dessas aventuras. E é da loucura que me aproximo, sempre que me lembro de que me deitei num sepulcro. Se tu soubesses como eram frios os beijos e os abraços desse homem!...

Elsa dizia isto com os olhos cheios de lágrimas. Ao fundo da sala, o homem magro e calvo pareceu vê-la perturbada e, talvez porque tivesse compreendido que ela falava de si, ergueu-se e saiu. A orquestra atacava nesse momento o último «Charleston».

murar sobre o segredo de Maria Augusta, embora só mais tarde se encontrasse o título que devia rotulá-lo: — «laboratório de bruxedos»...

O HOMEM INVENCÍVEL

O Conde Branowitch, da melhor nobreza húngara, senhor de todas as famas — a da inteligência, a da cultura científica e literária, a da energia, a da riqueza (o valor das suas terras na África e na Ásia só era comparável ao do seu ouro nos cofres bancários da América...), a da elegância e da gentileza — celebrava-se sobretudo por uma especialidade moral, especie de campeonato extraordinário que o orgulhava e que ele próprio afirmava ter alcançado ao cabo de uma gymnástica longa e dolorosa... Essa especialidade — chamemo-lhes assim — consistia no seguinte: possuindo o Conde todos os elementos morais, físicos, intelectuais e materiais para seduzir todas as mulheres, conseguia por pessimismo, por luxo espiritual ou por feitiço, blindar-se de um fluido diferente ao de Maria Augusta, mas igualmente poderoso: o de resistir a todas as tentações, a todas as seducções.

— «Em vinte anos de existência mundana — brava — não encontrei nunca uma mulher que fôsse capaz, não digo já de me vencer, mas de me perturbar... E olhem que esta minha fama tem encaprichado a ponto de — modestia à parte — ter mesmo apaixonado mulheres das mais lindas e sedutoras da Europa... Ah! Mas não julguem que esta força é milagre dos céus ou póse de fácil prática. Pelo contrário. É produto de uma longa, esforçada e, por vezes, dolorosa preparação que exigiu o melhor da minha inteligência, da minha cultura, da minha energia, do meu tempo, anos e anos gastos em exercícios morais, continuos e violentos...»

Crelo que o encontro entre Maria Augusta e o Conde foi preparado pelos que queriam que ela pagasse todos os desprezos com que os vexara ou pelas que desejariam que elle fôsse castigado por todas as vitórias com que as humilhara. O que se, positivamente, é que Maria Augusta estava descuidada, num chá oferecido pela Embaixatriz dos Estados- Unidos, quando, ao anunciarem a proxima visita do Conde, lhe contaram a fama que o aureolava, tendo ela então, subitamente apreensiva, pretextado um motivo qualquer para se ausentar por uns minutos a fim de ir a sua casa, a dois passos da Embaixada, na Place Wilson, à Etoile. Quando regressou, o feitiço dos seus encantos, inexplicável, impossível de determinar, de analisar, de ser revelado, de se dizer, no brilho dos seus olhos, no esplendor das suas formas ou na maravilha do seu sorriso, atingira o mais alto poderio da sedução. O Conde, ao defrontar-se com ela, estremeceu, tornou-se lívido, tomara a expressão de um Imperador déspota que vê o seu palácio invadido pela multidão revoltada e ululante... E quando, dois meses depois, Maria Augusta se transformou em Condessa de Branowitch e saia altiva e feliz, do templo da Madalena, pelo braço do seu esposo, as suas amigas murmuravam, pela primeira vez, que aquela sedução milagrosa, aquêle poder invencível que derrotara o invencível conde húngaro não era dom de Deus, mas sim bruxedo; e que esse bruxedo constituia o segredo da nova condessa; e que esse segredo a tornava numa sacerdotisa do mistério...

Como nasceu assim, à porta do templo, a lenda que devia seguir para sempre a fama da Condessa? Da indiscrição da mais íntima das suas amigas, precisamente aquela que a acompanhou a casa quando no «five» da Embaixatriz da América se falara do Conde de Branowitch e do seu fluido invencível.

(Continua no próximo número)

